



O POVO SABE O QUER, MAS TAMBÉM QUER O QUE NÃO SABE

Carta síntese do Seminário Nacional do Circuito Universitário de Cultura e Arte da União Nacional dos Estudantes

A cultura é um elemento fundamental para a formação de um povo. Sua transversalidade se faz presente em todos os âmbitos da vida social, traçando identidades, reconhecendo territórios, cambiando símbolos e signos comuns e incomuns ao cidadão. Por diversas vezes, a dominação de um povo era justificada em nome da superioridade cultural. Não coincidentemente, nos tempos de ditaduras no Brasil como o Estado Novo e a ditadura militar de 64, foram alguns dos momentos de mais forte disseminação e influência da cultura norte americana no nosso país. Se antes essas denominações eram feitas com desembarques de grandes tropas e fuzileiros navais, hoje é mais econômico e tanto quanto eficiente, a colonização cultural através das grandes indústrias de comunicação e entretenimento.

Mas foi na virada do milênio, no início dos anos dois mil, que um conceito mais amplo de cultura ressignificou os caminhos das políticas públicas culturais do país com a entrada de Gilberto Gil no Ministério da Cultura. Gil, a partir de firmes políticas públicas, incentivou e valorizou a cultura enquanto algo feito pelo próprio povo brasileiro. Dizia que o caminho era apostar na criatividade vital do povo, pois a cultura que era disseminada se configurava a revelia das elites, por um punhado de pessoas que se julgavam esclarecidas e detentoras do sentido e dos destinos históricos do país.

A nossa geração é filha dessa década que apostou no povo brasileiro. Nós vivemos a construção de um novo movimento cultural, que caminhou junto com as políticas de reconhecimento e valorização de expressões artísticas já existentes nas comunidades, numa visão antagônica a do Estado como produtor de cultura. Participamos das mídias colaborativas e independentes, da explosão das novas plataformas de comunicação e o boom da produção audiovisual em rede, vemos o Laboratório Fantasma e a exaltação dos

movimentos de periferia, o Kondzilla, o universo do funk, e uma reinvenção na economia da cultura. Assistimos o cinema mostrando a realidade das Jéssicas desse Brasil, de mulheres pobres, jovens e nordestinas que ocupam as Universidades e formam a sala de aula mais diversificada da história do país.

Entendemos assim como a importância da cultura se torna um direito irrefutável para a população e se materializa na vida das pessoas através da arte, das linguagens artísticas, dos espaços de sociabilidades, da festa, do ritual e tantas outras expressões da vida cotidiana. Porém, desde o golpe, esse direito vem sendo ameaçado nos seus mais diversos aspectos, não somente cultural, mas político, econômico e social.

A conjuntura atual é reflexo de que o golpe se concretizou colocando em prática todo o projeto que não foi aprovado nas urnas. Trouxe o fim de importantes direitos trabalhistas, aumento da pobreza, congelamento nos investimentos voltados para saúde e educação, uma forte onda das política de privatizações, tentativas de cobranças de mensalidade nas Universidades públicas. No seu escopo de planejamento a cultura não ficou de fora. Não à toa, o primeiro ataque do governo golpista se deu justamente na extinção do Ministério da Cultura, desencadeando a resistência de artistas e movimentos que ocuparam equipamentos culturais em todo país. Retomou o debate de uma conquista antiga que foi a regulamentação da profissão artista, e que sua desregulamentação decreta o fim de direitos básicos da profissão. Além de colocar na ordem do dia a MP 841, que transfere para o Sistema Único de Segurança Pública parte do orçamento das loterias federais voltadas para o Fundo Nacional de Cultura, comprometendo o financiamento e interrompendo centenas de projetos culturais sobretudo fora do eixo Rio-São Paulo e das periferias.

Em resposta a estes retrocessos, nos últimos meses rodamos as Universidades do Brasil em uma grande caravana em defesa de uma Universidade pública, gratuita e de qualidade, que coloque a cultura como elemento chave e estratégico dentro da discussão de uma universidade democrática e popular. Em sua bagagem a UNE Volante também levou o INQUIETAÇÕES, uma rede de festivais que fez circular produções universitárias em suas mais diversas linguagens. Bandas, peças teatrais, exposições fotográficas, performances, poesias, saraus e muitos outros tipos de atividades culturais ocuparam os espaços das Universidades e provaram a dimensão e a riqueza das produções culturais estudantis.

Foi nesse sentimento que no fim da caravana convocamos o Seminário do CUCA

com o tema “*20 anos de Bienais: cultura, resistência e transformação nas universidades e no Brasil*”, visando a importância e a necessidade de um espaço de discussão e formulação da rede do CUCA que se organiza nos estados, onde rememoramos as experiências, formulamos horizontes e saídas dos desafios do nosso tempo, e convocamos a 11ª Bienal da UNE, o maior espaço de cultura da rede do movimento estudantil da América Latina.

Desta forma, aqui pensamos a próxima Bienal e apresentamos nossa homenagem acerca do legado artístico e político do ex-Ministro da Cultura, artista, cantor, compositor e pensador Gilberto Gil. Aquele que inaugura uma nova forma de políticas para a cultura no Brasil com a coragem de enfrentar a complexidade desse sistema. O Brasil e nosso povo são nossa maior matéria-prima para investigação e criação. Seguimos formulando, construindo e resistindo. Nos vemos nos caminhos até a 11ª Bienal da UNE!

São Paulo, 20 de Julho de 2018.